

BENVENISTE, Émile. *Dernières Leçons* – Collège de France 1968 et 1969. Paris: Éditions Gallimard e Éditions du Seuil, 2012, 210pp.

Cármem Agustini
Érica Daniela de Araújo
João de Deus Leite*

Une autre raison de poursuivre cette étude sur le sens est qu'elle nous a conduit à formuler au moins de nouveaux problèmes.
(Émile Benveniste, Première Leçon, 1^{er} décembre 1969, p. 141)

Dernières Leçons é uma belíssima homenagem endereçada a Emile Benveniste, um grande linguista e erudito que se dedicou a questionar as evidências e a lidar com a língua em funcionamento, por Jean-Claude Coquet, Irène Fenoglio, Julia Kristeva, Georges Redard, Émilie Brunet e Tzvetan Todorov. O público interessado em questões linguísticas é beneficiado com a publicação, já que, com ela, uma gama de questões abre caminhos diferentes e relevantes para se pensar a relação entre *semiologia, língua, escrita*.

O traçado da letra de Benveniste, em suas *notas de aula*, revela-nos uma constância que marca o seu percurso, qual seja: proceder à análise concreta de línguas, de tal forma que a teoria não se aplica, mas se produz pela análise do *fato linguístico*, exercendo, assim, a arte de questionar as evidências. Em suas aulas, não por acaso, essa constância é tracejada, desta vez, pela relação entre *língua* e *escrita*, sem perder de vista a forte implicação do domínio *semiótico* e *semântico* para aquilo que o próprio Benveniste alçou como sendo da ordem da “língua como produção” (Benveniste, 2012 [1969], p. 144); logo, como matéria de *enunciação*. Pensar essa produção seria reconhecer, nos termos de Benveniste, que há ali implicados, ao mesmo tempo, um sistema semiótico, imprimindo ao uso as próprias possibilidades de conjugação das unidades de língua em um eixo, e um sistema semântico, o qual ancora o próprio exercício da linguagem, vinculando língua e sociedade.

A escrita, portanto, não seria uma mera representação da oralidade, já que teria muito mais a ver com a ideia de que ela põe em relação a *fala*; trata-se, antes de tudo, de se pensar na escrita e na fala como instâncias *complexas* que se interdependem. E isso exigiu de Benveniste um *vo*

transverso sobre a história da escrita, tendo em vista a necessidade de teorização acerca do fato de a língua ser um sistema interpretante por natureza, e, portanto, capaz de se auto semiotizar-se, além da questão da subjetividade implicada no fato de que cada povo, dada a relação que estabelece em sociedade, produz diferentes soluções para o problema da “representação gráfica”. Decorre da questão supracitada um ponto nodal que é abordado, por Benveniste, no capítulo 2, qual seja: o que torna essa representação gráfica escrita?

Pelas mãos de Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, somos levados a *re*-conhecer um Benveniste *professor* – nem, por isso, menos complexo e denso – que busca assegurar a transmissibilidade de suas considerações teórico-analíticas sobre as referidas questões. Trata-se do Benveniste das *Dernières Leçons*; Benveniste esse que traz em sua escrita a constância aludida anteriormente e uma faceta a mais de seu percurso, a saber: relacionar a *escrita* às questões da *enunciação*. Talvez devêssemos dizer que se tratasse de um movimento de retorno de Benveniste sobre seus apontamentos, postura já anunciada e projetada por ele mesmo em seus textos constantes dos *Problemas de Linguística Geral*, particularmente nos textos “Semiologia da língua” de 1969, “A forma e o sentido na linguagem” de 1967 e “O aparelho formal da enunciação” de 1970². Conforme vimos considerando aqui, Benveniste não abandona seu compromisso com a perspectiva da linguagem em exercício – portanto, com a enunciação – acirrando, consideravelmente, a relação entre sintaxe das línguas e sintaxe da linguagem. Essa relação sustenta o *funcionamento* dos domínios semiótico e semântico da língua, de acordo com ele.

A obra em tela lança-nos às *notas de aula* de Benveniste a partir da estruturação em três capítulos, editados por Coquet e Fenoglio, a saber: *Sémiologie*; *La langue et l'écriture*; *Dernière leçon, dernières notes*. Além disso, a obra conta com um belo, sensível e poético prefácio tecido por Julia Kristeva, e um posfácio assinado por Tzvetan Todorov, bem como uma introdução produzida pelos editores da obra e dois anexos, um que se refere à bibliografia de Benveniste, escrito por George Redard, e outro que concerne aos escritos de Benveniste, assinado por Émilie Brunet.

Na esteira dos editores, as teorizações produzidas por Benveniste, em seus diferentes momentos de elaboração, resguardam, até hoje, certa pertinência e eficácia no âmbito dos estudos da linguagem. Isso porque ele acaba por instaurar, quer queira quer não, o tão propalado campo de estudos sobre *enunciação*, a ponto de ser considerado como um expoente teórico *re*-visitado por variados estudiosos, da Linguística ou não, interessados no fato enunciativo da *significação*. Poderíamos dizer, em outros termos, que Benveniste leva adiante prontamente o pensamento de Saussure, filiando-se a ele e problematizando-o ao mesmo tempo.

Em seu elaborado viés saussuriano, tal teórico parte do conceito de *língua*, por exemplo, para dimensionar a perspectiva de que, via *discurso*, é dada ao homem a possibilidade de se *subjetivar* pelo exercício da linguagem e pela experiência que esse exercício confere a ele.

Na introdução, os editores abordam essa perspectiva a partir da ideia de que o *sentido* e o *semântico* – portanto, a língua já tomada como matéria de enunciação –, prendem-se ao princípio da *consecução discursiva*. De acordo com eles, essa consecução está ligada à *linearidade* que ancora e sustenta o *re-arranjo* discursivo dos constituintes que dimensionam o semântico, que são as *palavras*. Por sua vez, as palavras são passíveis de serem integradas, pelo locutor, ao nível da *frase*, da *sintaxe*, de modo a produzir um ato discreto de fala. À luz de Benveniste, seria dizer mais precisamente que se trata da *sintagmatização* que constitui a operação fundacional do sentido. Acirrando a faceta relacional da teorização de Benveniste, Coquet e Fenoglio ressaltam que, como *contraface* da palavra, os *signos linguísticos*, no sentido saussuriano, estariam relacionados ao princípio de discretização da língua; as unidades constituintes do *semiótico* são capazes de discernir a realidade, tendo em vista seu aspecto *negativo, relativo e opositivo*.

Como nos antecipam os editores, as *notas de aula* de Benveniste nos remetem à perspectiva de que a língua em constante exercício, isto é, em *repetição*, fundamenta a própria passagem do *signo* ao estatuto de *palavra*, e vice-versa. Contudo, é preciso destacar que um não se reduz ao outro, no sentido de que eles teriam uma natureza similar e intercambiável; ao contrário, com naturezas diferentes, eles evidenciam aspectos particulares, seja da constituição do signo, em um sistema linguístico específico, seja da sua circulação social já em um ato de fala. Conforme destacado anteriormente, o domínio semiótico e o semântico mantêm íntima relação, sendo o locutor o critério para os desdobramentos entre tais domínios. Não à toa, Benveniste, em suas *Dernières Leçons*, promove algumas decorrências para a questão da *escrita*, buscando mostrar que a *enunciação* não pode ser considerada como uma instância em que se acumulariam os signos. Antes de tudo, a escrita é abordada ali como instância que também pode comportar os vestígios enunciativos daquele que escreve, tendo em vista o próprio manejar das letras na sintaxe de uma língua.

O projeto benvenistiano de *re-pensar* a significação, no âmbito dos estudos em Linguística Geral, reclamou seu enfrentamento teórico em relação à *Sémiologie*. Como *Première leçon*, Benveniste não se furta da problematização do estatuto da Linguística como ciência. Para isso, ele trabalha a definição, o objeto, o estatuto e o domínio que a Linguística assumiu para se firmar como uma ciência que privilegia a língua

como *sistema de signos linguísticos*. Epistemologicamente, Benveniste não perdeu de vista seu compromisso em reafirmar o caráter essencialmente significante da língua frente a outros sistemas semióticos e, ao mesmo tempo, em reiterar a necessidade de se especificar o que seria, ao certo, a semiologia da língua. Isso porque a preocupação com a questão do *signo* é muito antiga, recobrando o anseio de diferentes enfoques da humanidade; fatalmente, de acordo com ele, assumir que se trata do estudo de signos *linguísticos* imprime ao olhar do linguista uma busca constante pelo aspecto sistemático e relacional que esses signos encerram.

Em vista de tais colocações, Benveniste toma o ponto de vista proposto por Peirce sobre a teoria geral dos signos, a *semiótica*, como um problema. Sem desconsiderar o mérito teórico dele, Benveniste destaca e justifica os motivos que o levaram a criticar e a se afastar da teorização peirceana de signo, a saber: a divisão geral dos signos a partir de três classes, quais sejam: *ícone*, *índice* e *símbolo*, vincula fortemente o signo à coisa nomeada no mundo – signo seria, portanto, algo que estaria no lugar de algo ausente; o propósito de elaborar *uma álgebra universal de relações* implicou a classificação dos signos, a partir de variadas funções, em detrimento do estudo teórico de seu funcionamento sistêmico na língua – isso acaba acarretando, portanto, a ideia de que tudo seria signo. Benveniste não admite essa inespecificidade do conceito de *signo*.

Nesse movimento de problematizar o enfoque peirceano, já na *Leçon 3*, Benveniste expõe as razões de sua filiação teórica à perspectiva dos estudos de Saussure, enfatizando ali o caráter individual e social dos signos linguísticos, cuja natureza seria sempre ser um termo *negativo*, *relativo* e *opositivo*, segundo já mencionamos aqui. Com isso, Benveniste enfatiza que essa perspectiva de abordagem dos signos linguísticos imputa na Linguística uma especificidade de objeto e de matéria; além disso, tal perspectiva abre vias para Benveniste afirmar que a língua, além de ter na sua base de constituição os signos linguísticos, isto é, ser feita de signos linguísticos, ancora, como sistema semiológico, a própria produção de suas unidades constituintes. A língua, portanto, é o sistema semiológico por excelência que, nos termos de Benveniste, toma *feição* de sistema mais importante, pois, fatalmente, figura como o *interpretante* de todos os outros sistemas possíveis.

Ao longo das outras *leçons* desse capítulo, o *re-exame* do princípio semiológico de *interpretação entre sistemas* ganha uma recorrência no traçado das letras de Benveniste. Mais precisamente na *Leçon 7*, Benveniste vincula a propriedade semiológica da língua à escrita, mostrando-nos que o inventário de uma língua, ou seja, a descrição de seus constituintes, só se torna possível devido ao fato de que o sistema linguístico funda

uma relação inextricável entre: constituição de unidades, produção de unidades e escrita dessas unidades a partir de uma “representação”.

Sob circunstanciamentos específicos, Benveniste passa a contemplar, no segundo capítulo da obra, questões relativas à *língua* e à *escrita* a partir da ideia de que é preciso estabelecer uma distinção entre *escrita* e *língua escrita*, sem perder de vista, necessariamente, a relação que a marca e os problemas que são subjacentes ali.

Do pólo da *escrita*, Benveniste se detém no pensamento de que a escrita seria também um sistema semiótico do mesmo modo que a língua o é. Isso exige considerar que os signos linguísticos dão forma à realidade, possibilitando a *discernibilidade* que só se produz na e pela sociedade. Assim, Benveniste se afasta radicalmente da perspectiva de que a escrita seria uma mera representação da oralidade; ao contrário, ela é um prolongamento da fala, porque toma *modelo* na língua. Para ele, a escrita, embora seja uma escrita da *linguagem interior*, é expressa na forma linguística, de tal modo que o locutor-scriptor³ não mantém, com a escrita, a tão propalada pragmaticidade que várias teorias linguísticas apregoam.

Como na língua, a escrita pressupõe um acirrado grau de *abstração*, um processo de abstração, restando às diferentes sociedades sempre tentativas de minimizar os problemas decorrentes de tal processo; a pontuação, por exemplo, configura-se como uma tentativa de restituir à escrita os aspectos entonacionais, melódicos e segmentais da fala. Além da pontuação, a sistematização da língua é fundamental para o processo de assunção à língua escrita, uma vez que é ela que possibilita o estabelecimento do *semantismo social*⁴, já que é a sistematização que põe limites às unidades linguísticas, tornando-as finitas. Da perspectiva benvenistiana, o limite é fundamental.

Do pólo da *língua escrita*, Benveniste contempla o aspecto da representação gráfica, buscando pensar fortemente, por um lado, a história da escrita de diversos povos, para mostrar que não se trata de etapas de um mesmo desenvolvimento linear; há uma relação estreita entre os tipos de escrita e os tipos de língua, de tal modo que cada processo de assunção à escrita é singular. Por outro, ele destaca que a transmissibilidade da língua escrita advém da passagem de uma representação do referente para a representação da forma linguística; é, com essa passagem, que o processo de sistematização torna-se possível e, em decorrência, a possibilidade de estabilização da *língua escrita*. Portanto, o que torna a representação gráfica escrita é exatamente essa passagem. Neste ponto, é possível dizer que Benveniste considera a *língua escrita* como *escrita*, tendo em vista que a escrita pressupõe o ato de escrever, implicado, nesse ato, o modo como o locutor-scriptor mobiliza a *língua escrita*. Essa

consideração benvenistiana abre caminhos para problematizar a questão da *subjetividade* na escrita.

Outra decorrência da sistematização da língua constitui a objetivação formal de sua própria *substância*; é essa objetivação formal da substância da língua que lhe confere a propriedade metalinguística, de tal modo que ela se torna o interpretante dos outros sistemas e dela mesma. Se a escrita é um prolongamento da fala, e se a escrita demanda um processo de abstração, torna-se imperioso considerar que, no pensamento benvenistiano, fala é um conceito complexo que não está em relação de equivalência à oralidade. Nesse sentido, é possível equacionar o conceito de fala a partir de uma operação matemática já preconizada por Saussure (1916): a *fala* é igual à *linguagem* menos a *língua*. Em decorrência, *fala* se reporta aos aspectos individuais, subjetivos, circunstanciais, históricos, ideológicos etc., que constituem o ato de fala.

Essa objetivação formal é, de acordo com Benveniste, o aspecto da *língua escrita* que permite operar sobre ela mesma uma redução. De sua função instrumental exala sua função representativa, cujo instrumento é a escrita. A escrita muda de função, de instrumento para iconizar o *referente*, ela se torna o meio de representar o discurso ele mesmo. É porque a escrita se objetiva que a língua se semiotiza a ela mesma. Nessa perspectiva, compreendemos que o *semiótico* tem a ver com o reconhecimento dos termos constantes e com a possibilidade de identificá-los, dissociá-los em unidades significativas nelas mesmas, dadas as relações que umas contraem com as outras. Tudo o que foi exposto acima demonstra a importância que a escrita adquire no pensamento benvenistiano. Tanto é assim que Benveniste a considera como sendo a *revolução* que transformou toda a figura das civilizações; a revolução mais profunda que a humanidade conheceu desde o fogo.

Essa importância leva Benveniste a preconizar uma simetria entre *fala* e *escrita*, concebendo-as como operações complementares, de tal modo que, da fala compreendida, chega-se à fala enunciada; ler é compreender e escrever é enunciar. Tal simetria permite vislumbrar que, para Benveniste, a enunciação escrita, assim como a enunciação falada⁵, não garante, de modo constitutivo, que os locutores-scriptors correfirmam identicamente, uma vez que há injunção a interpretar, já que o interlocutor deve compreender. A compreensão passa pelo interlocutor e, em decorrência, há implicação de subjetividade, de tal modo a provocar uma hiância constitutiva em relação ao *sentido produzido*. Talvez seja em decorrência dessa consideração que é possível ler, em “O aparelho formal da enunciação”, *comunicação* como sendo um efeito pragmático de que o homem fala para outro(s) homem(ens) no mundo.

No terceiro capítulo, *Dernière leçon, dernières notes*, Benveniste traça um panorama sobre teorias linguísticas proeminentes da época e o modo como elas lidam com o problema do sentido na língua, a fim de ilustrar a relevância da questão do sentido para os estudos linguísticos. Elenca perguntas sobre a questão do sentido que, no decorrer de suas aulas, seriam problematizadas, tais como: Como os diferentes elementos da língua significam? O “sentido” de uma palavra seria o “sentido” de uma proposição? Qual o “sentido” de uma categoria gramatical? etc.

Benveniste não busca, pura e simplesmente, responder a essas questões. Ao contrário, intenta formular novos problemas a partir de uma discussão teórica sobre a língua como produção, uma vez que a teoria saussuriana aborda somente a parte semiotizável da língua. O “sentido produzido” pela enunciação, o semântico, é de outra ordem e carece ser teorizado. Benveniste começa a abordar a *língua como produção*, diferenciando *signo* e *frase*. O signo é descontínuo e a frase é contínua; a frase pertence ao semântico e expõe a necessidade de uma teorização que considere essa diferença.

Benveniste toma como axioma e como diretriz para as discussões o fato de a significação ser parte integrante da língua, já que é a significação que torna seus termos unidades significantes, ou seja, *signos*, coordenados uns aos outros, de modo a formar sistema. Na perspectiva aberta por Benveniste, o sistema de signos linguísticos é um sistema aberto e que, por isso, não se restringe à manipulação dos signos. É o único sistema que pode produzir signos e que pode, inclusive, formar frases. Essa consideração mostra que esse sistema está ligado à produção e à enunciação de frases, o semântico. Nesse sentido, para Benveniste, o enunciado, enquanto contraparte material da frase, somente produz sentido em uma situação dada, à qual se refere. Ele toma sentido em relação à situação; no entanto, ao mesmo tempo, configura essa situação. A partir dessas discussões preliminares⁶, Benveniste conclui que o problema do sentido é o problema da língua, uma vez que, como a língua apresenta-se como uma paisagem movente, composta de elementos diferentes, o sentido se reduz a buscar a maneira de significar própria a cada um dos elementos em questão. “O estudo do conjunto seria a semiologia” (Benveniste, 2012, p. 146).

Intentamos, nesta resenha, apresentar uma leitura particular das últimas *notas de aula* de Benveniste. Essa leitura particular das *Dernières Leçons* é afetada, quer queiramos quer não, por nossa leitura relativa à teorização benvenistiana presente nos *Problemas de Linguística Geral*, assim como em *O Vocabulário das Instituições Indo-européias*. As *notas de aula* de Benveniste, embora se mostrem em estado germinal, constituem-se como uma instância de teorização marcada por uma abertura

profícua e característica do modo de sua escrita, constituindo-se, exatamente por essa característica, como um universo teórico aberto de questões extremamente pertinentes e produtivas sobre a relação entre *semiologia, língua, escrita*; com certeza, elas trarão aos leitores da obra e aos estudiosos da linguagem, assim como aos pesquisadores filiados à teoria benvenistiana, novos horizontes de pesquisa.

Para finalizar, podemos dizer que nosso movimento de *re-visitar* as teorizações esparsas de Benveniste, após as *Dernières Leçons*, trará consigo sempre um *traço* diferente. Primeiro, porque todo gesto é em si singular. Segundo, porque a obra em foco descortinou e adensou questões sobre a língua e a escrita, como mostramos ao longo desta resenha. De nossa parte, uma questão parece ser certa: a *letra* de Benveniste certamente ressoará em nossa *letra*.

Notas

¹ Respectivamente, Professora Doutora no Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

² O artigo “O aparelho formal da enunciação” foi escrito em 1969 e publicado no número 17 da revista *Langages*, em 1970. Trata-se do último artigo escrito por Benveniste, antes de ele ser acometido pelo AVC, em 06 de dezembro de 1969.

³ Utilizamos o termo *scriptor*, porque concebemos que Benveniste não está se referindo simplesmente àquele que escreve no ato da escrita. Há uma injunção no *scriptor* a *compreender-interpretar-ler*; portanto, há subjetividade implicada nesse processo de escrita, de tal modo que, nessa injunção, o *scriptor* diz algo de si ao enunciar.

⁴ Cf. o artigo “Estrutura da língua e Estrutura da sociedade”, de 1970, publicado em *Princípio de Linguística Geral II*, p. 100.

⁵ Cf. “O aparelho formal da enunciação”, de 1970, publicado em *Princípio de Linguística Geral II*, p. 90.

⁶ Como se trata da primeira aula do curso que seria por ele ministrado, Benveniste traça apontamentos gerais sobre a problemática do sentido. Por isso, tratamos essas questões como sendo discussões preliminares.